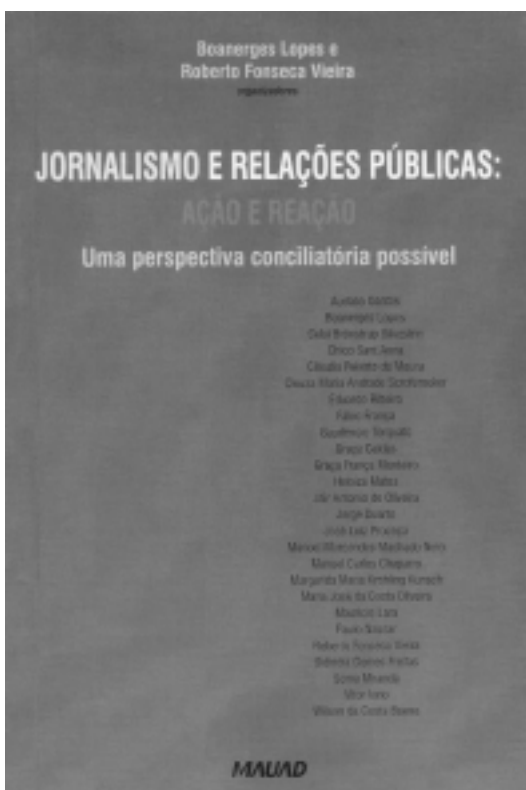


Jornalismo e Relações Públicas: Ação e Reação: Uma perspectiva conciliatória possível *



Roberto Porto Simões
PUCRS

CONTA COM A COLABORAÇÃO de Manoel Chapparro, Margarida Kunsch, Audálio Dantas, Gaudêncio Torquato, Wilson Bueno, Sidéneia Freitas, Paulo Nassar, Heloísa Matos, Maria José Oliveira, Graça Caldas, Jorge Duarte, Graça Monteiro, Sonia Miranda, Cleusa Scroferneker, Cláudia de Moura, Eduardo Ribeiro, Chico Sant'Anna, José Antônio de Oliveira, Celsi Silvestrin, José Proença, Maurício Lara, Manoel Machado Neto, Vitor Iorio e Fábio França

Estes autores fazem, de um modo geral, uma análise histórico-econômica, política, ética e legal da celeuma, na qual jornalistas e relações-públicas se debatem a respeito de seus espaços profissionais. Quem é quem, quem faz o quê?

O problema é analisado desde seus primórdios até o momento atual. Há várias posições a respeito e maior número de sugestões de como resolver, ou seja, conciliar o confronto. A maioria dos autores está a propor a busca de solução para o problema, dizendo o que vale é o profissional competente e que as fronteiras das áreas são tênues. Neste momento, os aspectos éticos e legais estão presentes.

O conteúdo tem inserido, também, em vários momentos o Marketing e há, até, a proposta de que a polêmica mais séria estaria na díade Relações Públicas e Marketing.

Há a apresentação de constructos – conceitos emergentes, tais como Mídia das Fontes (Chico Santana) Comunicação Pública Organizacional (Fábio França) e Jornal-Prateleira (José Proença)

O neófito e até mesmo alguns mem-

bro do time de veteranos encontrarão a relevância desta obra nas várias óticas, quer sejam históricas, legais, ideológicas e éticas existentes no Brasil e além-fronteiras. Terão como testemunhas dos escritores os vários casos e inúmeras citações dando sustento às causas e às propostas de soluções do conflito.

A zona cinzenta das esferas de atuação é tão presente que na tentativa de contabilizar as atividades profissional dos colaboradores, debati-me com a dificuldade em identificar suas áreas de atuação baseado nas notas de rodapé. O máximo que consegui foi a seguinte estatística: Professores (15), Jornalistas (4), Jornalista e professor (2); Professor e Conselheiro (1); Professor e Relações Públicas (1) e Assessor de Imprensa (1). No Brasil, é cultura identificar-se os profissionais pela formação acadêmica e não pela atividade na qual estão atuando. A fim de complementar este trabalho, fica a sugestão para os próprios organizadores ou para futuros colegas realizarem trabalho semelhante apenas com jornalistas e relações-públicas em atividade profissional, evitando o critério de formação acadêmica e a atuação na academia

Penso que a polêmica existente é em razão de recursos escassos (espaços e vencimentos) e não de designativos, de competência ou de “guarda-chuvas” sintetizador. Aspectos que norma alguma solucionará os conflitos.

Para pensar fica o seguinte dilema. Se Ivy Lee foi o pioneiro da Assessoria de Imprensa e ensina-se na academia que Ivy Lee foi o pai da atividade de Relações Públicas, tem-se outro problema: “Ou a assessoria de Relações Públicas pertence, historicamente, à área de Relações Públicas ou Ivy Lee nada tem a ver com Relações Públicas, pelo menos no Brasil”.

Notas

- * Obra organizada por Braneges Lopes e Roberto Fonseca Vieira, editada pela Mauad em 2004.